Originalmente para: «Ainda vale a pena editar e ler os clássicos?» in *das Artes, das Letras* – Suplemento Cultural de *O Primeiro de Janeiro*, 30 de Julho de 2007, p. 12-13.

Ainda vale a pena editar e ler os clássicos?

Ana Margarida Ramos*

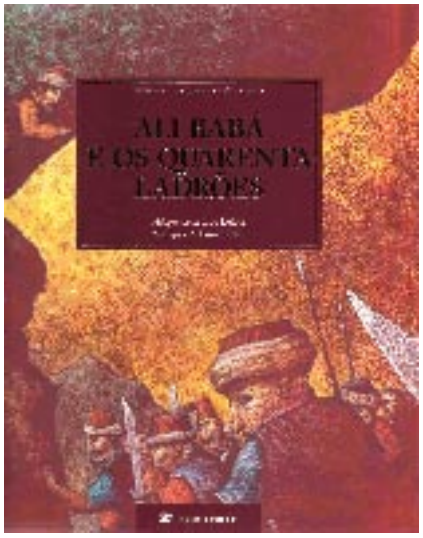
RESUMO

Leitura sucinta de algumas publicações destinadas ao universo de leitores infanto-juvenis, este ensaio analisa os elementos centrais dos textos, dando conta das suas principais características temáticas e formais. Colocando a questão das leituras formativas, o texto sublinha ainda o relevo da componente ilustrativa e da relação que estabelece com o texto.

A Porto Editora iniciou a publicação, em 2005, de uma colecção "Oficina dos Sonhos – Clássicos" a que, já este ano, se veio juntar um novo volume, desta vez de um autor português, Almeida Garrett, com a edição de "Falar Verdade a Mentir", passando a contar com cinco títulos: adaptações de "Ali Babá e os Quarenta Ladrões", "Os Miseráveis", de Victor Hugo, "A Ilha do Tesouro", de Robert Louis Stevenson, e "A Bela e o Monstro", na versão de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont.

A colecção, com coordenação de José António Gomes, conta ainda com a direcção artística e design de António Modesto, responsável pelo grafismo cuidado e comum aos vários livros, nomeadamente no que diz respeito ao formato e à composição das páginas e da capa. Ao propor um conjunto diversificado de adaptações de obras canónicas da literatura erudita, percebe-se, como filosofia editorial, a opção por leituras formativas e lúdicas, capazes de, por esta via particular, aproximar os leitores mais jovens de textos incontornáveis da literatura mundial cujas características atraem (e formam) sucessivas gerações de leitores. Desde as Histórias das Mil e Uma Noites, com a sua ambiência exótica, à narração de inesquecíveis aventuras e viagens em "A Ilha do Tesouro", são várias as opções propostas, a que se poderiam, sem dificuldade, juntar outras possibilidades como "Robinson Crusoe" (1719) de Daniel Defoe ou "As Viagens de Gulliver" (1726) de Jonathan Swift, só para dar dois exemplos.

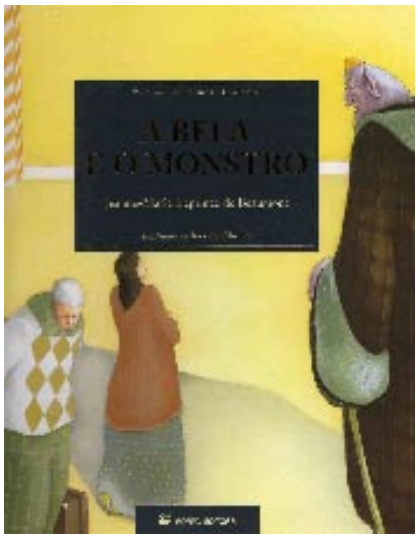
*Universidade de Aveiro



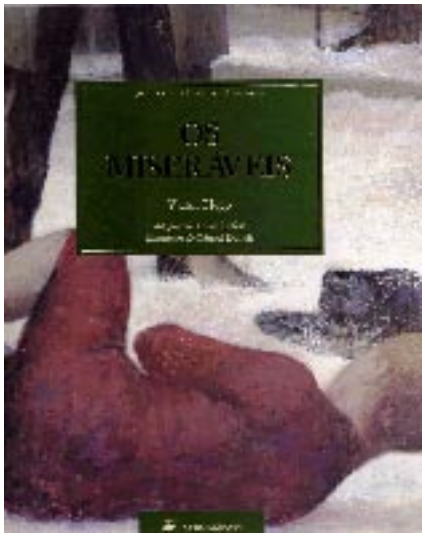
Mas vejamos cada um dos títulos em particular.

Adaptação de um dos contos mais célebres das Mil e uma Noites, "Ali Babá e os Quarenta Ladrões" é uma narrativa intemporal que põe em confronto heróis e vilões, premiando a inteligência e a sagacidade, mas também a nobreza de sentimentos e de valores dos primeiros. Repleto de aventuras e de subtis manobras e planos, o texto põe à prova as personagens, a sua esperteza e atenção, sublinhando a importância da figura feminina – a criada Morjana – como elemento decisivo da intriga e da resolução dos problemas criados pela descoberta acidental do tesouro. Responsável pela vitória e pelo sucesso de Ali Babá, Morjana vê recompensada a sua lealdade e dedicação, passando a integrar o grupo familiar que protege. As ilustrações de Emre Orhun revelam uma leitura do texto atenta ao universo e ao contexto histórico e cultural da narrativa e recriando, com pormenor e particular expressividade, o ambiente dominante, com especial relevo para os espaços exóticos e as personagens orientais. Vejam-se, por exemplo, os planos de pormenor de algumas personagens, sublinhando, de forma quase caricatural, a sua fisionomia que é sintomática dos seus valores e comportamentos. São ainda relevantes os jogos de luz e sombra propostos, implicitamente associados aos valores em confronto, assim como as opções cromáticas dominantes. A técnica utilizada, com recurso ao sinal textura, reforça o cariz expressionista que caracteriza muitas das cenas recriadas.

Merece-nos uma referência especial, a edição de "*A Bela e o Monstro", de Jeanne-Marie Leprince Beaumont por se tratar de uma publicação que conta com ilustrações da portuguesa Inês de Oliveira e com a tradução, realizada a partir da versão original, de Maria Teresa dos Santos Silva. Este clássico da literatura para a infância conhece, aqui, uma recriação que, do ponto de vista visual, o afasta dos estereótipos massificados da Disney, criando um imaginário alternativo que reconduz o conto ao seu sentido original, mais intimista e subtil, capaz de possibilitar a leitura da dimensão interior e afectiva das personagens e dos seus anseios e inquietações.*

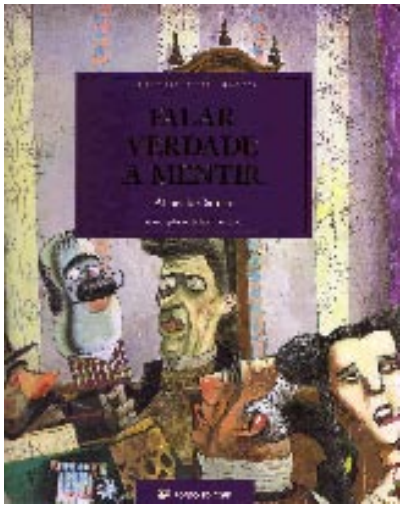


Inês de Oliveira constrói uma narrativa pictórica que se desenvolve paralelamente à verbal, cristalizando algumas das sequências mais importantes da intriga e captando, com particular luminosidade, as sugestões e as dinâmicas de um texto que revisita os códigos dos contos maravilhosos, com a oposição entre o Bem e o Mal, a metamorfose como castigo e forma de aprendizagem, a defesa de valores conotados com a lealdade, o amor filial, a coragem e a força regeneradora dos afectos.



Outra obra editada nesta colecção é, como já referimos, uma adaptação de "Os Miseráveis", de Victor Hugo. A acção desenrola-se em torno da figura emblemática de Jean Valjean e do seu processo de transformação, sublinhando as injustiças da vida em sociedade. Com claros intuitos reformistas, patentes na crítica social explícita e na denúncia das terríveis condições de vida das classes operárias, o livro ganha uma inquietante actualidade, permitindo a sua leitura por um público tão inesperado quanto abrangente. A oposição entre o Bem e o Mal e a forma como o herói, contra todos os obstáculos e dificuldades, persegue a sua demanda pela justiça aproximam a obra do universo de expectativas dos leitores infanto-juvenis contemporâneos. As ilustrações, de Gérard Dubois, recriando o universo que suporta a intriga, apostam na expressividade da fisionomia das personagens e na sugestão dos ambientes, pelo recurso a uma paleta de cores escuras, capaz de reconstituir, com fidelidade e rigor, a decadência moral e social e a crise de valores que ecoa no texto.

Adaptação, para o público infanto-juvenil, de um dos maiores clássicos da literatura de aventuras, "A Ilha do Tesouro", de Robert Louis Stevenson (aqui na adaptação de Claire Ubac, com ilustrações de François Roca), recupera todo o imaginário das histórias de piratas, recriando uma narrativa repleta de mistério, acção e aventura, prendendo a atenção dos leitores até ao final. Desdobrando-se em diferentes quadros, cada um da responsabilidade de um narrador diferente, o texto joga com diferentes pontos de vista e articula focalizações distintas do universo narrado. Construídas a partir do diálogo com um narratário intratextual, as várias sequências narrativas parecem responder às suas dúvidas e inquietações e são acompanhadas pelo estreitar de laços entre o narratário e os seus insólitos visitantes que, saídos das ilustrações do livro em branco, lhe contam a história aí escondida. A relação com a comida e a bebida e a forma como cada personagem se apresenta revelam algumas das peculiares idiossincrasias de cada uma delas. Com humor e fluência, que resulta em grande parte da variedade de registos e da presença assídua do diálogo, a história desenrola-se em torno da recuperação do tesouro escondido. As ilustrações, em estreita articulação com o texto, recriam as imagens que ele descreve, assumindo-se como pretexto para a narração e para a origem das personagens que saem do livro aberto. Promovendo uma leitura que resulta de encaixes sucessivos de várias narrativas, verifica-se ainda a opção por ilustrações que sublinham o lado negro das cenas recriadas, onde a morte e o medo desempenham um papel central.



Muito recente é a reedição de um dos textos mais conhecidos de Almeida Garrett (1799-1854), "Falar Verdade a Mentir", obra cuja leitura é aconselhada no Ensino Básico. Esta publicação distingue-se pelo formato e pelo grafismo muito cuidado e, especialmente, pelas ilustrações de João Caetano, que reinterpretam o texto, promovendo a sua leitura através da caricatura e da tipificação das personagens que são representadas em determinadas posturas e com tiques particulares. Além disso, o ilustrador revela-se particularmente atento aos elementos cénicos, criando o contexto da acção de forma pormenorizada e submetendo-o, também a ele, a um processo de desconstrução com a adição de muitos pormenores humorísticos. O texto de Almeida Garrett tira partido do jogo entre a verdade e a mentira e dos *qui pro quo que decorrem do disfarce das personagens que assumem diferentes identidades. O recurso ao aparte e aos cómicos de linguagem, situação e personagem colaboram no sucesso deste texto de um dos iniciadores do Romantismo em Portugal.*

Com tradição na história da literatura para a infância, a publicação de adaptações de qualidade literária e estética de grandes textos da Literatura Universal, em resultado de objectivos de educação do gosto e de promoção da leitura, parece conhecer, com esta colecção, um impulso a que os mediadores adultos, pais, educadores, professores e bibliotecários deverão estar atentos.